**Catolicismo e “o mundo russo” de Vladimir Putin e do Patriarca Kirill.**

**Artigo de Massimo Faggioli**

Da “[*Pacem in terris*](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/627890-pacem-in-terris-60-anos-de-uma-enciclica-atual-profunda-e-sempre-valida)” ao [documento de Moscou](https://www.ihu.unisinos.br/637931-o-conselho-pan-ucraniano-guerra-santa-assim-que-a-igreja-russa-justifica-o-genocidio) de **março de 2024** sobre “uma guerra santa em defesa do espaço espiritual unificado da Santa Rússia”.

O artigo é de [Massimo Faggioli](https://www.ihu.unisinos.br/637905-o-crescente-distanciamento-do-papa-latino-americano-da-ordem-liberal-ocidental-artigo-de-massimo-faggioli), professor da **Villanova University,**publicado por **La Croix International**, 14-04-2024.

Segundo ele, "a maior **Igreja Ortodoxa** do mundo tornou-se o pilar ideológico de uma autocracia nuclear".

"A utopia secular que foi prometida pela União Soviética e a arcadia “cristianista” neo-imperial para a regeneração do povo russo descrita neste documento têm muito em comum - conclui o historiador. Mas uma diferença é que o **Patriarcado de Moscou** da **Igreja Ortodoxa Russa**, e não o Leninismo-stalinismo, é quem fornece agora a armadura ideológica neste manifesto de guerra – uma guerra armada com armas nucleares".

**Eis o artigo.**

Existem certos documentos que lançam uma sombra escura e cósmica. Nos acostumamos a ver isso em textos de diversas instituições ligadas à ciência (aquecimento global), à medicina (a pandemia) e à economia (taxas de pobreza). Mas as autoridades da Igreja tentaram, de várias e diferentes maneiras, ao longo do século passado, ser mensageiras de esperança.

Os líderes da **Igreja Ortodoxa Russa**, no entanto, divulgaram recentemente um documento sobre o futuro do nosso mundo que marca um afastamento daquilo que esperamos da religião. Chamado “[O presente e o futuro do mundo russo](https://www.ihu.unisinos.br/638212-kirill-destroi-o-ecumenismo-artigo-de-luigi-sandri)”, este texto de 27 de março é um passo rumo ao assustador desconhecido. Não foi emitido pelo **Patriarcado de Moscou** nem pelo **Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Russa**, que só o aprovou posteriormente. Pelo contrário, vem de uma instituição cujo nome é comumente traduzido como [Conselho Mundial do Povo Russo](https://www.ihu.unisinos.br/637931-o-conselho-pan-ucraniano-guerra-santa-assim-que-a-igreja-russa-justifica-o-genocidio). Esta entidade foi fundada pelo **Patriarca Kirill** em maio de 1993, quando ainda era Metropolita de Smolensk e chefe do departamento de relações externas do patriarcado. Este conselho é uma instituição eclesial e patriótica composta por hierarcas ortodoxos russos, bem como por altos funcionários do Kremlin, líderes militares, professores universitários e centenas de jovens patriotas de todas as regiões da Rússia.

**Guerra santa e expansão do território russo**

Realizou um congresso extraordinário na Catedral de Cristo Salvador, em **Moscou**, sob a presidência do patriarca, e aprovou este longo texto estruturado em oito seções. É apresentado como “um documento programático do XXV Conselho Popular Mundial Russo, bem como uma ordem dirigida às autoridades legislativas eexecutivas da Rússia”.

A parte mais assustadora está no início, quando define a guerra na **Ucrânia** nestes termos: “uma guerra santa, na qual a Rússia e o seu povo, defendendo o espaço espiritual unificado da Santa Rússia, cumprem a missão do 'Titular', protegendo o mundo do ataque do globalismo e da vitória do Ocidente que caiu no satanismo. Após o fim da guerra, espera-se que todo o território da Ucrânia moderna entre na zona de influência exclusiva da Rússia”.

“A **doutrina da Trindade** deveria ser legislada, tornando-se parte integrante do sistema jurídico russo. A **Trindade** deveria ser incluída na lista normativa de valores espirituais e morais russos e receber proteção legal adequada”, afirma. O documento propõe então uma série de medidas sociais e econômicas para reafirmar um papel de poder global para “o mundo russo” de um ponto de vista militar, econômico e sócio-cultural. Por exemplo, insiste na centralidade a ser atribuir à **família**, que deve ser “forte e com muitos filhos” para garantir que a população da **Federação Russa**, atualmente de 144 milhões, aumente “para 600 milhões de pessoas dentro de cem anos de crescimento demográfico sustentável”. Também resiste à**liberalização dos costumes sexuais**. “O Estado deve tomar medidas abrangentes para proteger a família e os valores familiares da propaganda do aborto, da licenciosidade e da libertinagem sexual, bem como da sodomia e de diversas perversões sexuais. A **castidade** e a **virtude**, tradicionais para o povo russo, devem retornar à sociedade russa”, diz o documento. Pinta um quadro da sociedade russa que é delirante quanto ao futuro, bem como à forma como representa o passado: “A família é a base da vida nacional russa e o reduto interno da tradição do mundo russo”.

**Afastando-se ainda mais do Vaticano**

Este novo texto distancia ainda mais o **Patriarcado de Moscou** do Vaticano, embora não seja o primeiro a fazê-lo. O site oficial do patriarcado publicou outro documento no dia 25 de março chamado “**Sobre a atitude ortodoxa em relação à nova prática de abençoar 'casais em situação irregular e casais do mesmo sexo**' na Igreja Católica Romana”. Foi escrito a pedido do Patriarca **Kirill** pela Comissão Bíblico-Teológica Sinodal, presidida por **Ilarion** (Alfeev), Metropolita de Budapeste e Hungria. É uma resposta à declaração sobre o “significado pastoral das bênçãos” que o escritório doutrinal do Vaticano publicou no passado dia 18 de Dezembro sob o já conhecido título **Fiducia suplicans**. A introdução à resposta da Comissão Sinodal afirma: “As ideias expressas na declaração Fiducia supplicans representam um afastamento significativo do ensinamento moral cristão e requerem análise teológica”.

O documento mais recente do **Conselho Mundial do Povo Russo** confirma a decisão de **Kirill** e do **Patriarcado de Moscou** de justificar a guerra na **Ucrânia** e o seu objetivo de eliminar a nação ucraniana e absorvê-la no “[**mundo russo**](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/634948-russkij-mir-a-embriaguez-do-poder-artigo-de-lorenzo-prezzi)”, tudo em nome de Deus. Isto ficou evidente desde as primeiras semanas após a Rússia ter invadido o seu vizinho, e não foi apenas uma questão de palavras, mas também de ações, incluindo ações litúrgicas.

Mas este documento dá um passo em frente rumo ao desconhecido. Mais do que um tratado teológico ou religioso, parece mais um dos “**Planos Quinquenais da União Soviética**” da era **Stalin**. É mais uma prova da situação em que caíram a **Rússia** e a **Ortodoxia Russa de Putin** com o seu eixo político e ideológico.

**"O presente e o futuro do mundo russo"**

Há uma série de propostas sobre questões sociais que não parecem muito diferentes de outras políticas natalistas e pró-família, desde os regimes autoritários das décadas de 1920-1930 até às “democracias iliberais” das décadas de 2010-2020. Há graves consequências políticas, diplomáticas e ecumênicas – não se fala sobre o significado das perspectivas de uma solução negociada para a guerra na Ucrânia. Quem sabe o que os futuros historiadores farão da declaração conjunta que o Papa **Francisco** e o Patriarca **Kirill** assinaram em fevereiro de 2016 em Havana (Cuba)? Algumas passagens dessa declaração de Havana soam hoje particularmente ameaçadoras.

“O processo de integração europeia, que começou após séculos de conflitos sangrentos, foi acolhido por muitos com esperança, como uma garantia de paz e segurança. No entanto, convidamos à vigilância contra uma integração que é desprovida de respeito pelas identidades religiosas", diz a declaração conjunta. "Embora permaneçamos abertos à contribuição de outras religiões para a nossa civilização, é nossa convicção que a Europa deve permanecer fiel às suas raízes cristãs. Apelamos aos cristãos da Europa Oriental e Ocidental para que se unam no seu testemunho partilhado de Cristo e do Evangelho, para que a Europa possa preservar a sua alma, moldada por dois mil anos de tradição cristã”, afirma também o comunicado emitido pelo papa e patriarca.

Mas a parte mais chocante do novo documento do **Conselho Mundial do Povo Russo**, que atinge o leitor instantaneamente, é o núcleo teológico ou – melhor – religioso do texto, que tem como subtítulo “**O presente e o futuro do mundo russo**”. Invoca uma ideia do divino que está mais próxima daquela professada pela **Al-Qaeda** do que daquela que se encontra no Evangelho. Delineia um projeto etno-nacionalista que é um jogo de soma zero para as relações entre a **Rússia** e os seus muitos países vizinhos (não apenas na Europa Oriental, mas também na Ásia Central e na China).

**O retorno do “cristianismo selvagem”, onde “o homem é o lobo do homem”**

Mais importante ainda, revive o uso de tons apocalípticos, o que marca um desvio ou uma reviravolta completa em relação à domesticação e refinamento pós-1945 das relações entre as Igrejas e o mundo, e entre as Igrejas e as religiões não-cristãs. A teologia que resulta desta “sinfonia” particular entre o **Patriarcado de Moscou** e o **Presidente Putin** é o oposto do que foi delineado na tradição católica, especialmente desde a encíclica **Pacem in terris** (1963) de **João XXIII** e a constituição **Gaudium et spes** (1965) do **Vaticano II**. Esses documentos sublinham que Jesus traz uma mensagem de paz, não de supremacia nacional ou étnica, e que todos podemos reconciliar-nos e coexistir num mundo onde há espaço para todos. O documento russo mostra-nos algo muito menos tranquilizador – a face do regresso do “cristianismo selvagem”, o deserto de um estado de natureza pré-civilização, o*homo homini lupus* (“o homem é um lobo para o homem”).

É o fim daquilo que o teólogo alemão **Johann Baptist Metz** via como a primazia da reconciliação na “teologia burguesa”. Seria interessante saber o que **Metz** diria hoje sobre o apocalipticismo do **Patriarcado de Moscou** e a escatologia que ele implica. Não era isto que **Metz** esperava quando articulou a sua crítica da “teologia burguesa” como distinta da “religião messiânica”. O messianismo do **Patriarcado de Moscou** é uma distopia etno-nacionalista que leva as crescentes críticas ao sistema liberal ocidental às suas consequências extremas e possivelmente irreparáveis. Mas é certamente um sinal da crise do pressuposto, típico da década de 1990, de que o Cristianismo acompanharia e ajudaria a transição para uma ordem mundial pós-comunista, pós-ideológica e liberal. Em vez disso, a maior **Igreja Ortodoxa** do mundo tornou-se o pilar ideológico de uma autocracia nuclear.

**Patriarcado de Moscou fornece armadura ideológica**

A visão que o documento do **Conselho Mundial para o Povo Russo** apresenta sobre as relações da **Rússia** com o resto do mundo, e entre a sua Igreja Ortodoxa nacional e as outras igrejas e outras tradições religiosas, é muito mais sombria do que estamos habituados a ver. Isto é especialmente verdade para aqueles que vivem nos países que fazem fronteira com a **Rússia** ou geograficamente próximos do maior país do planeta (uma fronteira terrestre reconhecida internacionalmente que se estende por mais de 20.000 quilômetros), ou para os russos que se sentem presos neste “[mundo russo](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/632161-antiga-ortodoxia-sovietica-o-russky-mir-encolhe-artigo-de-lorenzo-prezzi)”.

Este documento não é apenas um nadir ecumênico, mas também assinala os limites (ou mesmo a impossibilidade) de um consenso cristão global hoje sobre a relação entre o cristianismo, a paz e a coexistência na nossa casa comum, o planeta Terra. Este documento articula com uma clareza arrepiante a aliança entre **Putin** e **Kirill**: o **Patriarcado de Moscou**, como líder de uma Igreja Estatal, tenta dotar o projeto nacional russo pós-soviético de uma alma e de uma visão. Na altura da dissolução da União Soviética em 1991, não havia alma espiritual e visão moral, exceto nostalgia pelo passado glorioso da **Ortodoxia Russa**. A atual simbiose **Putin-Kirill** é fruto de algo que começou há mais de trinta anos.

A utopia secular que foi prometida pela União Soviética e a arcadia “cristianista” neo-imperial para a regeneração do povo russo descrita neste documento têm muito em comum. Mas uma diferença é que o **Patriarcado de Moscou** da **Igreja Ortodoxa Russa**, e não o Leninismo-stalinismo, é quem fornece agora a armadura ideológica neste manifesto de guerra – uma guerra armada com armas nucleares.

<https://www.ihu.unisinos.br/638440-catolicismo-e-o-mundo-russo-de-vladimir-putin-e-do-patriarca-kirill-artigo-de-massimo-faggioli?utm_campaign=newsletter_ihu__15-04-2024&utm_medium=email&utm_source=RD+Station>